

MÁQUINAS DISCURSIVAS, CIBORGUES E TRANSFEMINISMO

Beatriz Pagliarini Bagagli

Universidade Estadual de Campinas

E-mail: paglibagli@gmail.com

Resumo: O artigo propõe uma aproximação teórica entre a análise de discurso e os estudos de gênero a fim de se pensar uma teoria materialista (até então impensada) transfeminista. Para tanto, serão mobilizados conceitos ou objetos teóricos como discurso, corpo e sujeito. Um especial enfoque será dado para as metáforas de Michel Pêcheux e Donna Haraway, respectivamente, sobre máquinas discursivas e ciborgues. Concluímos que a aproximação entre feminismo e os estudos sobre discurso constitui um campo profícuo para, em seus entremeios, conceber teorias e práticas de resistência transfeministas.

Palavras chave: Análise de discurso; Estudos de gênero; Transfeminismo.

Abstract: This article proposes a theoretical approach between discourse analysis and gender studies in order to think a transfeminist materialistic theory (hitherto unconsidered). For this, we mobilized concepts or theoretical objects as discourse, body and subject. A special focus will be given to the metaphors of Michel Pêcheux and Donna Haraway, respectively, to discursive machines and cyborgs. We conclude that the rapprochement between feminism and discourse studies is a fruitful field to conceive transfeminist theories and practices of resistance.

Keywords: Discourse analysis; Gender studies; Transfeminism.

Introdução

○ transfeminismo, tal como vem sido recentemente pensado por Gomes de Jesus (2012, 2013, 2014), Alves (2012), Coacci (2013) e V. (2012), assim como pelas análises e textos publicados no blog <http://transfeminismo.com/>, compartilha a necessidade de posicionar e incluir sujeitos transgêneros – abarcando identificações de travestis e transexuais - até então silenciados, frente às teorias e estudos de gênero, como as teorias *queer*, e às diversas correntes feministas. Nesta empreitada teórica, novos sentidos sobre homens e mulheres emergem e são tensionados, de forma com que a cisgeneridade surja como conceito analítico, tornando possível a crítica ao sistema político baseado na cisnormatividade ou cisgeneridade compulsória. A cisgeneridade é compreendida através do conceito de cisgênero, que vêm sendo igualmente utilizado nestes discursos transfeministas como forma de designar o antônimo de transgênero. Embora o uso destes termos tenha se tornado cada vez mais comum nestes discursos transfeministas, que circulam majoritariamente nos espaços virtuais de *blogs* militantes, ainda são escassos estudos acadêmicos que tratem ou utilizem de tais conceitos. Acreditamos, desta forma, que este artigo pode propiciar o fomento de discussão em torno destes novos conceitos feministas, construindo pontes entre os estudos acadêmicos e práticas militantes. Nosso objetivo, portanto, é estabelecer diálogos entre diferentes campos do saber – a análise do discurso e os estudos de gênero –, tendo em vista a circulação de uma teoria transfeminista, relativamente recente.

A partir desse cenário, proponho pensar o transfeminismo como um **impossível específico** do feminismo, o termo cisgênero como **non-sens** do gênero e os sujeitos do (trans)feminismo, partindo da interpretação do corpo em sua **opacidade**, como criações (decorrentes do acontecimento discursivo que emerge e se inscreve no corpo) **ciborgues transfeministas**. Para tanto, proponho uma interface teórica entre os pensamentos de Michel Pêcheux e Donna Haraway.

Concluímos a necessidade de observar, partindo das considerações de Gadet e Pêcheux acerca da junção entre o **real da língua** e o **real da história** na constituição do equívoco, a existência do **real do sexo** – que possui igualmente suas ligações com a história e a língua, mas não é de todo absorvido por eles. ○ transfeminismo, dessa forma, trabalha o equívoco próprio a esta relação, tornando possíveis novas formas de subjetivação em que a figura do ciborgue de Haraway se constitui como uma metáfora precisa. Corpos cujas materialidades foram devolvidas a partir deste gesto de interpretação em suas

respectivas opacidades históricas e tecno-orgânicas, marcados pela inscrição do simbólico e da política. O trabalho político transfeminista frente ao equívoco do sexo torna possível a passagem do cisgênero (cisgeneridade) como *non-sens* do gênero para o sentido de alteridade (em relação ao Outro sexo, aqui sendo, desta vez, o terceiro, fazendo uma analogia com o segundo sexo de Simone de Beauvoir).

Quanto à influência de conceitos psicanalíticos que reverberam neste trabalho (como o real enquanto impossível e a língua incompleta que comporta falhas, a língua laciana) entendemos que se trata, ao mesmo tempo, de uma profunda aproximação e de um distanciamento necessário. Tal incorporação provém de um deslocamento teórico prévio, proveniente da análise de discurso a qual se filiam autores como Pêcheux e Orlandi e com o qual dialogamos. Desta forma, entendemos que trabalhamos com apropriações teóricas de diferentes campos de saber, o que implica lidar com determinados conceitos tendo em vista deslocamentos quanto às suas instrumentalizações entre estes campos. Isso porque, muito embora a psicanálise lide com certo real do sexo (via real do sujeito do inconsciente e do desejo), não se trata exatamente do mesmo real acionado pelos feminismos (o real do sexo em sua opacidade especificamente histórica). Compreendemos que tais conceitos, ao serem apropriados por determinado campo de saber, distinto do qual circulavam originalmente, propiciam deslocamentos quanto aos seus sentidos.

O discurso e suas maquinarias

Pêcheux (2009) se deparou com um objeto paradoxal: o discurso. O autor é crítico das ditas epistemologias espontâneas da linguística que se desdobram ora no “realismo metafísico” ora no “empirismo lógico”. O par língua/fala aberto por Saussure, alerta o autor, será explorado por estas epistemologias através de inúmeras outras dicotomias que vão do individual para do geral: retórica/lógica; empírico/abstrato; subjetivo/objetivo; criatividade/sistema; forma/conteúdo; corpo/alma etc. A porta aberta que sustenta todas estas divisões, diz Pêcheux, é “a concepção de que a ideia só poderia ser, em todo alcance, subjetiva, individual” (idem, p.56).

Não desconhecendo a existência do real da língua, e, portanto, não ignorando o funcionamento próprio daquilo que se entende por linguístico ou simbólico, a análise de discurso encabeçada por Pêcheux irá propor uma mudança de terreno sem apagar as contradições das diferentes disciplinas (ou epistemologias). Tendo estas problematizações em vista, o discurso é (re)tirado da oposição língua/fala e é entendido em sua particularidade – não é, portanto, individual, nem universal.

O sentido de uma palavra dependerá, desta forma, da formação discursiva (região relativamente estável do dizer recortada do interdiscurso e remetida às formações ideológicas) na qual o sujeito se inscreve, que irá refletir diferentes posicionamentos ideológicos ligados às classes em conflito. O sentido, por sua vez, não emana diretamente das propriedades estruturais da língua, é sempre uma relação entre palavras que estabelecem relações metafóricas.

Em todas estas dicotomias, o que se consegue depreender é a necessidade da disjunção para a construção de uma coerência (idealista) da totalidade e univocidade. Neste sentido, o individual ou empírico não é avesso ou independente do universal ou abstrato: trata-se de todo caso de uma relação necessária. O particular é complemento indispensável do universal. Desta forma, a mudança de terreno proposta por Pêcheux permite repensar estas dicotomias fora das epistemologias espontâneas (ou idealistas) que tomam as disjunções em sua transparência, ignorando a contradição necessária que sustenta este “continuísmo espontâneo” na linguística.

A noção de “forma material” (ORLANDI, 1996) atesta justamente o intento desta proposição teórica, levando em consideração o discurso na relação entre o sujeito, a língua e a história, deslocando-se da oposição idealista (ou espontânea) forma/conteúdo; empírico/abstrato; exterior/interior; sujeito/objeto. O que não significa, de todo modo, a possibilidade igualmente idealista de “resolver as contradições”. É neste sentido que Orlandi (2001) aponta que a análise do discurso é uma disciplina de entremeio que trabalha as contradições da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise. Com este movimento teórico, foi possível vislumbrar igualmente a ligação do político no simbólico, visto que o discurso é entendido como a materialização da ideologia através do suporte (de base) da língua. Neste mesmo processo, a noção de sujeito é também deslocada: não se trata mais do indivíduo tomado enquanto evidência - sujeito “criativo”, dono e consciente de “suas” palavras - como causa de si mesmo, mas como assujeitado ideologicamente.

Aqui cabe observar as metáforas acionadas por Pêcheux para compreender o discurso ao longo do desenvolvimento desta insurgente disciplina; passando de uma “máquina estrutural fechada em si mesma” para o desenvolvimento de “máquinas paradoxais” (PÊCHEUX, 1983). Desta forma, o discurso, que antes era entendido como um reflexo mecânico do assujeitamento ideológico, passou a ser considerado, ao longo do desenvolvimento das discussões e retificações da disciplina, em relação ao incontornável fato de que algo falha e continua falhar, de forma com que esta máquina paradoxal insiste em quebrar e funcionar tão somente pela e na falha. Esta constatação

teórica tem implicações práticas, abrindo a necessidade de “uma sucessão de interpretações do campo analisado” em batimento com a descrição e análise linguística (PÊCHEUX, idem). Nesta “última” etapa da disciplina, foi possível conceber o primado do Outro sobre o Mesmo, na qual todo discurso é entendido como atravessado pela heterogeneidade e contradição, assim como o próprio estatuto do sujeito que enuncia.

Não cabe neste trabalho uma análise mais detalhada destas retificações – tampouco o estatuto das ciências nas práticas políticas – no desenvolvimento da análise de discurso, mas cabe observar, de toda forma, a paixão de Pêcheux pelas máquinas. Este fato não pode passar em branco, ainda mais no momento em que pretendo observar a interface do pensamento do autor com a metáfora do ciborgue de Haraway. Em todo o caso, tratava-se de uma intensa vontade de Pêcheux de compreender os processos de significação e sua ligação com as determinações históricas, fazendo intervir o conceito de ideologia e de sujeito. Um sujeito que não pode ter acesso pleno a esta determinação, visto que se trata da necessidade, para significar, frente ao memorável e ao dizível, de esquecer¹ e não dizer; assim como a impossibilidade do sujeito ser causa e origem de si mesmo.

Poderíamos propor que, enquanto no início de sua empreitada teórica a forma-sujeito do discurso se assemelhava mais com a figura do autômato, ao longo das retificações e deslocamentos feitos por Pêcheux e demais analistas de discurso, ela passou paulatinamente a lembrar cada vez mais a imagem do ciborgue. Enquanto o autômato se limita a ser a repetição mecânica e eterna entorno do Mesmo, o ciborgue dá abertura ao Outro, à diferença; o primeiro é uma figura anódina, débil politicamente, já o segundo é empossado de uma grande potência política, capaz de trabalhar as inúmeras fissuras e falhas do sexo-gênero frente às determinações históricas, tecnológicas e orgânicas.

Podemos entender o ciborgue como a própria transformação da forma-sujeito do sexo-gênero na qual a própria ideologia que disjunge corpo e alma funciona “contra e sobre si mesma”, sustentando novas possibilidades de práticas políticas. Quanto a essa modalidade de apropriação de diversos saberes e sentidos entre as fissuras das formações discursivas através do trabalho histórico da forma-sujeito, Pêcheux (2009) entende que o processo de desidentificação

Se realiza paradoxalmente por um processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas de “tipo novo”. A

1 Quanto aos esquecimentos denominados de número 1 e 2, ver Pêcheux (2009), capítulo III. *Forma-sujeito do discurso* (145-168p.).

ideologia “eterna” enquanto categoria, isto é, enquanto processo de interpretação dos indivíduos em sujeitos – não desaparece; ao contrário, funciona de certo modo às avessas, isto é, sobre e contra si mesma, através do “desarranjo-rearranjo” do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo). É, segundo o que pensamos, unicamente sob essa condição que se pode compreender em que consiste a apropriação subjetiva dos conhecimentos (especificamente, o funcionamento dos processos discursivos científico-pedagógicos), de um lado, e a apropriação subjetiva da política do proletariado (especificamente, o funcionamento dos processos discursivos políticos do proletariado), de outro. (p.202)

Opacidade ciborgue

○ que propomos, dada a forma como este objeto “discurso” foi configurado no percurso teórico da análise de discurso desenvolvida por Pêcheux, é observar a relação com outro “objeto” igualmente paradoxal: o gênero/sexo. Há uma disjunção já operando na própria nomeação das disciplinas: ora se fala em estudos sobre a mulher ora em estudos sobre o gênero. Esta disjunção, além de ser uma mera questão de nomenclatura, desvela a própria contradição que envolve o gênero/sexo enquanto real.

○ entrave de Haraway (2004) em escrever uma entrada sobre “gênero” em um dicionário marxista de língua alemã – a partir de sua posição anglófona – demonstra não somente a dificuldade de tradução (os diferentes valores que um signo estabelece em um determinado sistema linguístico), mas aos impossíveis próprios das línguas nas relações entre as diversas tensões políticas e históricas que circundam a(s) palavra(s) sexo-gênero; *sex-gender*; *género*; *genre*; *Geschlecht...* Eis o ponto em que “os velhos gramáticos, antes hegemônicos – incluídos aí os sexologistas – tinham perdido o controle sobre gênero e seus irmãos – que proliferavam.” (HARAWAY, *idem*). Os sentidos sobre sexo-gênero escapam aos gélidos e ascéticos espaços dos dicionários frente à existência do movimento feminista, que atestam a existência de um real próprio, que reclama sentidos.

Haraway (1995) propõe pensar o feminismo através de uma “objetividade corporificada e engajada” na qual o sujeito é instado a ser responsável – “capaz de prestar contas” – pela sua tomada de posição frente à produção de conhecimento. A produção de um conhecimento objetivo é possível (assim como a racionalidade), mas é entendido sempre de forma situada, enquanto saberes localizados, corporificados, parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia (HARAWAY, *idem*). O co-

nhecimento situado leva em consideração o posicionamento do sujeito frente a sua própria divisão e descentramento subjetivo. Para a autora, trata-se da necessidade de se mudar as metáforas, de forma a construir uma “doutrina usável, mas não inocente da objetividade” (se distanciando dos polos denominados pela autora entre o “construtivismo radical” e o “empiricismo crítico feminista”, assim como as perspectivas extremamente relativistas versus a totalização abstrata da autoridade científica). Para tanto, Haraway (idem) utiliza uma metáfora da visão:

Todas as narrativas culturais ocidentais a respeito da objetividade são alegorias das ideologias das relações sobre o que chamamos de corpo e mente, sobre distância e responsabilidade, embutidas na questão da ciência para o feminismo. A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver. (p.21)

Pêcheux procurava insistentemente compreender a constituição da forma-sujeito histórica longe de uma teoria subjetivista do sujeito. O ciborgue, acredito, tem muito a contribuir neste sentido. Ele não é mais um sujeito biopsicossocial ou pragmático. Com Haraway (2013) vemos que a discussão sobre gênero e feminismo surge como uma questão central em sua reflexão frente a este sujeito-máquina. Se sexo e gênero foram até agora dicotomias, o ciborgue não irá mais tornar possível uma separação entre o que é da ordem do empírico e o que é da ordem do abstrato, da ciência e da política, do público e do privado. A autora afirma que “saber quem controla a interpretação das fronteiras corporais na hermenêutica médica é uma questão feminista importantíssima” (idem, p.74). O corpo aqui precisa ser lido; há algo do simbólico que o atravessa. Questionar as formas de leitura (a própria interpretação) dos corpos transgêneros e/ou femininos feita pela medicina é incumbência transfeminista.

Neste sentido, “gênero” acaba por deslizar para o “gênero marcado” feminino, as mulheres. Beauvoir (1980) aponta que a mulher é tida como Outro absoluto em relação ao homem. Enquanto a mulher é marcada pelo seu gênero, o homem é tido como o universal humano. A posição segundo a qual toma a mulher enquanto Outra², por sua vez, irá operar disjunções que se assemelham bastante com as dicotomias materializadas pelo “continuismo espontâneo” das perspectivas idealistas em linguística (Eva/Maria Madalena; mundana/mística; puta/santa; etc). Contudo, o que se pode constatar é uma diferença incontornável entre Beauvoir e Haraway: enquanto a primeira

2 No que se refere às identidades transgêneras, a forma como a mulher transgênera é tida enquanto Outra diz muito respeito à forma dicotômica de significação corpo- alma que disjunge as identidades de travestis e transexuais; ver Bagagli (2014b).

é existencialista na forma de compreender o embate de alteridades na relação sujeito/objeto, a segunda é (autointitulada) apocalíptica:

O eu é o Um que não é dominado, que sabe isso por meio do trabalho do outro; o outro é um que carrega o futuro, que sabe isso por meio da experiência da dominação, a qual desmente a autonomia do eu. Ser o Um é ser autônomo, ser poderoso, ser Deus; mas ser o Um é ser uma ilusão e, assim, estar envolvido numa dialética de apocalipse com o outro. Por um lado, ser o outro é ser múltiplo, sem fronteira clara, borrado, insubstancial. Um é muito pouco, mas dois [o outro] é demasiado. (HARAWAY, 2013, p.91)

Se Pêcheux, em sua empreitada teórica, pôde estar (relativamente) indiferente em relação à “questão” da mulher e/ou o gênero, diríamos que os feminismos – assim como os estudos de gênero – não estão indiferentes ao discurso. E de minha hipótese, digo que não apenas exala um “sujeito ardente” nos frios espaços da semântica, mas também um “sujeito sexuado” que insiste em retornar nos confins do discurso.

Pêcheux teve a necessidade de “criar” um objeto intermediário, o discurso, e Haraway, de certa forma, faz o mesmo ao “criar” o seu ciborgue. Em ambos os casos os autores colocam a necessidade de (fazer) trabalhar certas dicotomias de modo com que o aspecto político não seja apagado, seja na relação língua/fala por meio do discurso, seja na relação natural/artificial, orgânico/tecnológico, animal/humano e pessoal/político por meio do ciborgue. Em ambos os casos, a contradição não é resolvida, ela insiste em retornar. O lugar teórico de ambos os autores é o entremeio disciplinar. Estes autores não são, nesta medida, um linguista e uma antropóloga, respectivamente, “sérios”, comprometidos com uma linguística e antropologia igualmente “sérias” (ou puras!). A escrita de ambos é tomada pelos chistes e ironias. Diria também que são escritas que não resistem ao poético.

O discurso é um objeto potencialmente incômodo para os linguistas e para os cientistas sociais (assim como para os marxistas ortodoxos), isso porque ora os primeiros pairam sob o risco do apagamento do político no simbólico, ora os segundos sob o apagamento do simbólico no político. O ciborgue de Haraway, por sua vez, pode incomodar (novamente o incômodo!) tanto cientistas quanto antropólogos (e mesmo as feministas); aqui, quanto à velha oposição natureza/cultura.

Se em Pêcheux (2009) vemos como é equívoca a atribuição às “massas” as qualificações de ora “objeto” ora “sujeito”, o ciborgue de Haraway não é um mero “objeto teórico”, ele também é um sujeito. Aliás, se discurso e sentido não se dissociam do sujeito na análise de discurso, refletir, a partir dos apontamentos de Haraway, acerca dos sujeitos do (trans)feminismo significa acionar

a imagem do ciborgue. Em todo caso, fazer trabalhar as dicotomias que disjunção de forma transparente abstrato e empírico – tornando-as, neste gesto de interpretação, opacas - é fundamental para uma análise crítica da feminilidade e transgeneridade; subsídios essenciais para a constituição do transfeminismo. A partir deste gesto, torna-se possível compreender a materialidade específica do sexo, assim como a inscrição do simbólico e político no corpo.

Não podemos deixar de nos perguntar, a partir desta interface teórica, em que medida a chamada tríade subversiva Marx-Freud-Saussure, com a qual Pêcheux pôde erguer sua teoria, não teria, além de subversivo, um caráter apocalíptico. O real destas três regiões disciplinares não permite de nenhuma forma a constituição de uma ciência-régia (são reais de diferentes ordens ao mesmo tempo em que entrelaçados de forma constitutiva). É possível caminhar na contradição entre as disciplinas, trabalhando a partir da constatação do apocalipse da transparência da história (pela luta de classes do materialismo histórico), do sujeito (pelo inconsciente da psicanálise) e da língua (pelo seu sistema próprio da linguística). Trabalhar a partir da insistência da falha que retorna incessantemente seria ter que lidar teoricamente com o próprio apocalipse. O fim do sujeito biopsicossocial. Um movimento que denuncia os narcisismos do humano que desagua conseqüentemente no desafio de não se cair em um narcisismo da estrutura (PÊCHEUX, 1997). A figura ambígua do apocalipse de Haraway me instigou: poderíamos passar do apocalipse “tradicional” – aquele que restituiria a coerência e unicidade do Homem antes da “queda” – para um apocalipse ciborgue polifomorfo sem Fim, mas com diversos fins heterogêneos, de incessante desconstrução-reconstrução.

Acrescentar um quarto vetor nesta trilogia (os estudos de gênero e feminismos) significa assumir ainda mais esta posição, na medida em que levamos em consideração a espessura do real do sexo. Pelo fato do feminismo não ser absorvido inteiramente pelo materialismo histórico³, pela psicanálise e pela linguística, admitimos a existência do real do sexo (há uma espessura que lhe é própria). Este real está implicado na existência de uma discursividade feminista (enquanto forma de constatação de um real da mulher e/ou um real do sexo) e seu respectivo impossível transfeminista (ponto em que os “objetos” homem-mulher perdem seu caráter logicamente estabilizado).

3 Quanto a esta irredutibilidade, vale a afirmação de Haraway (2004) de que “apesar de sua insistência na variabilidade histórica das formas familiares e na importância da questão da subordinação da mulher, Marx e Engels não podiam historicizar sexo e gênero a partir do suposto da heterossexualidade como natural” (p. 212-213). Quanto a nossa posição, diríamos que o materialismo histórico (incluindo também a psicanálise e o feminismo) parte do suposto da cisgenderidade (não apenas da heterossexualidade) como natural. Haraway (2013) também aponta um aspecto problemático e contraditório do feminismo-socialista quando este toma a unidade das mulheres através de uma ontologia ligada ao trabalho.

Não há espaço para narcisismos do sexo-gênero: o ciborgue é a última pá de terra na cova do Humano (ou, mais precisamente, do Homem). É preciso sobreviver na diáspora. Ou de forma mais branda, o ciborgue pode ser uma “esperança possível” do humano (HARAWAY, 1993). O ciborgue está muito mais, de fato, para uma “abertura de sujeitos, agentes e territórios de estórias não isomórficas inimagináveis da perspectiva do olho ciclópico, autossaciado do sujeito dominante” (HARAWAY, 1995, p.25) do que propriamente para uma “morte do sujeito”.

Assumindo esta prerrogativa, questionamos a transparência do sexo do sujeito, de forma com que o continuísmo espontâneo que toma a matéria bruta do sexo e sua inscrição cultural em forma de papéis de gênero seja posto em cheque. Neste sentido, Haraway (2004) afirma que, muito embora as feministas interrogassem a historicidade do sistema sexo-gênero pelo viés do “gênero”, deixavam a porta aberta para uma apropriação indevida pelo empirismo via “sexo”:

As feministas da segunda onda cedo fizeram a crítica da lógica binária do par natureza/cultura, inclusive das versões dialéticas da narrativa marxista-humanista de dominação, apropriação ou mediação da “natureza” pelos “homens” através do “trabalho”. Mas esses esforços hesitaram em ampliar inteiramente sua crítica à distinção derivada sexo/gênero. Esta distinção era muito útil no combate aos determinismos biológicos pervasivos constantemente utilizados contra as feministas em lutas políticas urgentes a respeito das “diferenças sexuais” nas escolas, nas editoras, nas clínicas e assim por diante. Fatalmente, nesse clima político limitado, aquelas primeiras críticas não historicizaram ou relativizaram culturalmente as categorias “passivas” de sexo ou natureza. Assim, as formulações de uma identidade essencial como homem ou como mulher permaneceram analiticamente intocadas e politicamente perigosas (p.218).

○ transfeminismo deve atuar no sentido de evitar que sistema sexo-gênero fique analiticamente intocado (o que abriria inevitavelmente portas para apropriações logicistas-empiristas perigosas, como bem qualifica Haraway). Veremos que o transfeminismo só pode avançar politicamente na medida em que o sexo e língua falharem ⁴ (em suas respectivas ordens) nas suas relações com a história, constituindo o equívoco do gênero. Este espaço de falha se refere justamente ao ponto em que o continuísmo feminista espontâneo do sistema sexo-gênero apresenta problemas (políticos, sobretudo). Quanto à relação entre real da língua e real da história,

4 O sexo e a língua também falham, na medida em que se intersecciona o vetor de raça ao recorte de gênero. Mulheres negras, neste aspecto, apontam para o ponto em que esta falha (“Eu não sou uma mulher, afinal?”) produz seus efeitos de exclusão absoluta da categoria de humano. Ver Haraway (1993, 2004).

O equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história. A irrupção do equívoco afeta o real da história, o que se manifesta pelo fato de que todo processo revolucionário atinge também o espaço da língua [...] as massas “tomam a palavra” e uma profusão de neologismos e transcategorizações sintáticas induzem na língua uma gigantesca mexida, comparável, em menor proporção, àquela que os poetas realizam. (GADET; PÊCHEUX, 2010, p.64)

Podemos, dada a interseção possível entre o discurso (na relação entre real da língua e o real da história) e o ciborgue (na relação com o real do sexo), fazer trabalhar a noção de corpo. O corpo do ciborgue é atravessado por um sistema complexo de determinações que se amalgamam de forma incontornável (em o que se costumava separar nas imprecisas categorias de natural e artificial). Este corpo ciborgue está aberto ao (furo) simbólico, a uma incompletude que o significa. E o discurso permeia todo o sistema político e científico que Haraway descreve tão bem em seu manifesto. Há muito, sem dúvidas, de discursivo no corpo do ciborgue. Não se trata, contudo, de “mais ou menos” discurso, se trata de uma relação necessária na constituição deste corpo, assim como um trabalho dialético entre determinação histórica e jogo significativo sobre o corpo. Para fazermos sentido, precisamos nos inscrever na ideologia, e o corpo não é exterior ao simbólico. Orlandi (2012) tece considerações em relação ao corpo (enquanto materialidade significativa do sujeito):

Como sabemos nem os sujeitos, nem os corpos, pensando-se a significação, são evidentes. Ainda é sempre a opacidade, a não transparência da linguagem, que se apresenta quando pensamos discursivamente. Ou, dito de outra forma, o corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. O que redundaria em dizer que, assim como as nossas palavras, nosso corpo já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado. (p.92)

Ciborgues transfeministas a guisa de conclusão

Diremos a guisa de conclusão que o ciborgue diz muito respeito ao sujeito transgênero. Primeiro, no sentido de que a transgeneridade envolve o ponto em que a semântica do sexo para de funcionar normalmente; segundo, no sentido de que transgênero envolve o ponto em que o corpo aparece num ponto máximo de opacidade. O transfeminismo deve trabalhar a questão do corpo na sua relação com os sentidos (o imaginário) e sua historicidade (a ideologia), assim como apontar, neste processo, a relação constitutiva com o Outro (o terceiro sexo). O corpo opaco é um corpo ciborgue. Com isso dizemos que é

uma tarefa política devolver a opacidade aos corpos e torná-los ciborgues, o que inclui a crítica da cisgeneridade enquanto sistema político.

Este corpo é produzido no momento mesmo de interpretação e prática política, fazendo intervir um novo imaginário. É preciso, neste processo, observar os múltiplos atravessamentos (simbólicos) e determinações (históricas) que constituem o corpo do ciborgue. Transgeneridade, desta forma, é um vetor material ético-político de resistência à cisnormatividade. (BAGAGLI, 2014). Inscrever a opacidade no corpo, nas palavras de Haraway, implica em “recodificar a comunicação e a inteligência a fim de subverter o comando e o controle” (2013, p.87). É assim que se criam ciborgues transfeministas.

A emergência do discurso transfeminista faz irromper o *non-sens* do gênero como o até então impensado cisgênero. A alteridade em relação ao terceiro sexo é estabelecida através da passagem pelo *non-sens* do gênero que é trabalhada politicamente. A partir deste irrompimento, se torna possível a crítica política da matriz cisgênera, que estabiliza o gênero através da cisnormatividade. Passagens do real do sexo que vão do real da história para o real da língua de formas paradoxais (as diferentes ordens dos reais são irreduzíveis) ao mesmo tempo em que transversais (os reais se amalgamam de forma constitutiva). Estes equívocos de gênero – que aparecem enquanto não resolvidos – podem ser observados, sobretudo, na relação tensa que o feminismo tem com o seu exterior específico: o transfeminismo. Isso porque o transfeminismo vai ao ponto do real do sexo em que toca a contradição própria do gênero, e, portanto, do sujeito político que o feminismo julga representar.

Neste processo, ao mesmo tempo em que novas relações de determinações se tornam possíveis na construção do sujeito Mesmo – “mulher transgênera”; “homem transgênero” e “pessoa transgênera não-binária” – há também um Outro sujeito, ao mesmo tempo familiar e estranho – “mulher cisgênera” e “homem cisgênero”. O discurso transfeminista causa uma desestruturação na rede de memórias que significam os sujeitos sexuais. Falar sobre cisgeneridade é o falar em línguas, a infiel heteroglossia de Haraway (2013). Cisgênero atesta o não-todo do gênero, irrompido do impossível da língua. A cisgeneridade é a manifestação do que há de mais familiar e ao mesmo tempo estranho em relação ao gênero. Constatação de que aqui há real do sexo. Se consideramos o sujeito como incompleto e descentrado, diremos o mesmo em relação ao sujeito que tem um sexo, de forma com que o significante cisgênero nomeie o seu impensado.

Cabe ressaltar a necessidade de entender a cisgeneridade (e mesmo a transgeneridade!) enquanto conceito (transfeminista) que resiste ao logica-

mente estabilizado. Trans+cis+gênero irrompe do equívoco linguístico e só pode ser trabalhado levando em consideração o funcionamento equívoco de toda palavra, restituindo a polissemia e dando seu devido lugar na luta política. O que não implica em destituir o peso do significante, como se, ao significar muitas coisas, uma palavra nada significasse ao mesmo tempo. Não se trata de niilismo quando Pêcheux (1997) afirma que existe uma área intermediária entre o logicamente estabilizado e o não-estabilizado (derivados do jurídico, do administrativo, das convenções da vida cotidiana e mesmo da medicina) na qual a análise de discurso pode intervir. O transfeminismo não abarca um sujeito-mulher pragmático, é justamente no ponto em que as evidências lógico-práticas sobre o gênero são quebradas no que se refere aos espaços administrativos da gestão social que se pode compreender a cisgeneridade em sua opacidade, assim como estabelecer a alteridade em relação ao terceiro sexo. Seguimos, na esteira de Haraway, o primado do profano ciborgue sobre a deusa do sagrado feminino.

Aqui se contesta a atribuição do desígnio de gênero ao nascimento como caráter pretensamente lógico-estabilizado, que refletiria uma descrição adequada do universo, aquela que poderia demarcar o verdadeiro e acurado sexo de alguém. Pertencer a algum sexo, portanto, não pode ser completamente encoberto segundo “proposições lógicas (Verdadeiro ou Falso) com interrogações disjuntivas (“o estado de coisas” é A ou não-A?)” (PÊCHEUX, *idem*, p.31) referentes à atribuição de gênero com base em identificações pela genitália. O transfeminismo é resistente à higienização do pensamento em relação ao sexo, crítico dos efeitos operados pelo sistema jurídico-administrativo-médico que tomam a identidade de gênero do sujeito como reflexo lógico-empírico de uma atribuição de gênero transparente.

Ao contrário, tornar-se ou pertencer a algum sexo pressupõe a interpretação de si em relação ao próprio corpo em situação simbólica e política frente ao equívoco do gênero. É possível, desta forma, se posicionar enquanto sujeito, demarcar uma nova posição. Posições ciborgues. Neste processo de subjetivação, vale ressaltar, não há pura desconstrução, há também a construção de uma positividade (estratégica enquanto forma de reestruturação das redes de memória) em relação aos sentidos sobre ser mulher, homem e pessoa transgênera. A única forma significativa (necessária e diria mesmo paradoxal) de constituição do “Nós” é através do “des-membramento e des-locamento de nossos nomes e corpos”. (HARAWAY, 1993, p.279). Identificações que não tomam como sustentação bases naturais ou totalizantes, mas como coalizão consciente (de sua própria negação e oposição), afinidade e parentesco político (HARAWAY, 2013).

○ acontecimento discursivo, segundo Pêcheux (1997), é entendido como o ponto de encontro entre uma atualidade e uma rede de memória. O ciborgue, neste feixe de relações, é o acontecimento discursivo que emerge da interpretação do corpo e se inscreve nele através da desestruturação-estruturação destas redes. Neste processo, o corpo sexuado recupera sua opacidade significativa e histórica via prática feminista. De acordo com Haraway (2004), “para as feministas, gênero significa o fazer e desfazer de “corpos” num mundo de contestações; um relato de gênero é uma teoria da experiência como corporificação significativa e significativa” (idem, p.208).

É preciso intervir no imaginário, acionando a potência ciborgue, e no que se refere ao transfeminismo, é necessário deslocar os sentidos sobre travestis e transexuais enquanto Outras em direção à alteridade. Isso significa mudar a forma como vemos e interpretamos estes corpos considerados impróprios, inapropriados ou abjetos. Uma intervenção que envolve todo um universo discursivo sobre pessoas transgêneras que tanto circulam socialmente (incluindo os feminismos, os discursos médicos, psicológicos e o “senso comum”).

Trata-se de uma urgente metáfora, enquanto travestis e transexuais são ainda entendidas/os como homens, mulheres e pessoas “falsas”; “enganadoras”; “não-biológicas” etc. em contraposição a pessoas que teriam seus gêneros naturalizados pelo prisma cisgênero. ○ que o ciborgue faz é justamente questionar a transparência cisgênera, ao interpelar o corpo cisgênero em sua historicidade, suas tecnologias tão opacas quanto às ditas cirurgias de redesignação sexual. A cirurgia cisgênera também produz seus efeitos no que se refere à inscrição do significante no corpo. ○ cisgênero também faz seu gênero e para isso utiliza seus instrumentos. Torná-los visíveis – opacos – é tarefa transfeminista em resposta à colonização e exotificação de corpos e identidades transgêneros. Retiremos, portanto, tanto a cisgeneridade quanto a transgeneridade da esfera do continuísmo empiricista-loicista e devolvamos os múltiplos aspectos políticos e simbólicos. Compreender, portanto, o funcionamento do significante na maquinaria discursiva do corpo.

Referências

BAGAGLI, Beatriz. ○ que é a transgeneridade em seu vetor material?. **Transfeminismo**, 2014. Disponível em <http://transfeminismo.com/2014/08/22/o-que-e-a-transgeneridade-em-seu-vetor-material/>. Acesso em: 20 set. 2013.

----- ○ Domínio Semântico de Determinação das identidades trans.

Transfeminismo, 2014b. Disponível em <http://transfeminismo.com/2014/04/03/o-dominio-semantic-de-determinacao-das-identidades-trans/>. Acesso em: 20 set. 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V. I. Tradução Sergio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

COACCI, Thiago. Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão. Dossiê (In) visibilidade trans. **História agora**, São Paulo, edição especial, v. 1, n. 14, 2013.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2ª edição, 2010.

GOMES DE JESUS, Jaqueline. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. **Universitas humanística**, 78, 241-258. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.UH78.gsef>. Acesso em: 20 set. 2013.

----- Feminismo e Identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10 - DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

----- ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista Cronos**, [S.l.], v. 11, n. 2, nov. 2012. ISSN 1982-5560. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150>. Acesso em: 20 set. 2013.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (organização e tradução). **Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

----- “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, v. 22, p. 201-246, 2004

----- O humano numa paisagem pós-humanista. **Estudos feministas**, v. 1, n. 2, p. 277, 1993.

----- Saberes localizados. A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

- Exterioridade e Ideologia. **Cadernos de estudos linguísticos**. São Paulo, n. 30. 1996.
- Processos de significação, corpo e sujeito. In: **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. Campinas, SP : Pontes Editores, 2012
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2009.
- A análise de discurso: três épocas (1984). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 2014.
- **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP : Pontes, 1997
- V., viviane. Pela descolonização das identidades trans*. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, **Anais...** Salvador, Bahia: Volume 1, Número 1, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/1a9bt4h>. Acesso em: 20 set. 2013.

Recebido em 20 de setembro de 2014

Aprovado em 30 de outubro de 2014